

CLÁUDIO SANTORO, DOUTOR HONORIS CAUSA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ricardo Tacuchian

No dia 31 de agosto de 2006, o Conselho Universitário da Universidade de Brasília conferiu o título de Doutor Honoris Causa, in Memoriam, a Cláudio Santoro. A cerimônia ocorreu no Auditório de Música do Instituto de Artes da UnB e contou com a presença de autoridades universitárias e do Distrito Federal. O Magnífico Reitor da UnB presidiu a sessão, aberta com a execução do Hino Nacional Brasileiro, cantado pelo público presente e acompanhado ao piano pela Professora Jaci Toffano. O discurso de saudação foi proferido pelo maestro Ricardo Tacuchian, presidente da Academia Brasileira de Música e Professor Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Unirio, seguido por palavras de agradecimento da Professora Gisele Santoro, viúva do compositor. O Senhor Secretário de Cultura do Distrito Federal também proferiu algumas palavras de saudação. A sessão foi encerrada com uma breve audição de obras do compositor homenageado, interpretadas por seu filho, o pianista Alessandro Santoro. Cláudio Santoro, entre as inúmeras insígnias e honorarias que recebeu durante sua vida, foi também membro da Academia Brasileira de Música, com assento na Cadeira nº 21 (Manoel Joaquim de Macedo)

O discurso de saudação:

Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Professor Timothy Martin Mulholland;

Exmo Sr. Professor Edgar Nobuo Mamiya, Vice-Reitor da Universidade de Brasília;

Exmo. Sr. Embaixador Pedro Bório, Secretário de Cultura do Distrito Federal;

Exma. Sra. Professora Suzete Venturelli, Diretora do Instituto de Artes da Universidade de Brasília;

Exma. Sra. Professora Beatriz Salles, Chefe do Departamento de Música da Universidade de Brasília;

Exma Sra. Professora Beatriz Magalhães Castro, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade de Brasília;

Demais autoridades presentes;

Senhor Alessandro Santoro, filho do homenageado;

Sra. Gisele Santoro, viúva do homenageado;

Senhoras e Senhores.

Quando fomos alunos de Cláudio Santoro, nos idos de 1969, não poderíamos imaginar que, quase 40 anos depois, estaríamos na tribuna da conceituada Universidade de Brasília, para saudar o grande mestre da música brasileira. Trata-se de uma honra para nós, não só pelo prestígio da instituição que outorga o título honorífico, como pela confiança que nos foi depositada para uma tarefa de tanta responsabilidade, maior ainda pela importância que o homenageado tem para a música de nosso país.

A concessão do título de *Doutor Honoris Causa in Memoriam* a Cláudio Santoro é um ato simbólico da maior importância, fato que procuraremos desenvolver em nossa breve oração. Para tanto, apontaremos três aspectos do simbolismo desta cerimônia. O ritual da sessão universitária nos evoca uma série de paralelos entre a trajetória

artística do músico amazonense, a natureza da obra de arte e a perspectiva da história. A trajetória do compositor foi sua biografia, sua obra, suas idéias e, acima de tudo, sua procura permanente por novos caminhos. A natureza de sua arte foi a de uma viagem ininterrupta que ele empreendeu, sempre à procura da conceituação poética do mundo através da música. Por fim, a perspectiva histórica nos mostra o homem e sua época, a partir de um distanciamento tranqüilo, longe das injunções políticas e dificuldades por que Santoro passou mas que soube superar com estoicismo e sabedoria. Seus detratores estão mortos; ele continua vivo.

Vamos desenvolver sucintamente os três significados desta sessão universitária.

O primeiro significado é o do resgate da memória de Cláudio Santoro. Sua trajetória é uma verdadeira saga. O menino da floresta vai estudar no Rio de Janeiro, se envolve em um sem número de atividades musicais, visita a Europa e a União Soviética, várias vezes, e, em 1962, convidado por Darcy Ribeiro, organiza o Departamento de Música da Universidade de Brasília. Mas, três anos depois, a intolerância e o autoritarismo obrigam Santoro a se afastar da Universidade. Durante seu exílio espiritual ele assume a cadeira de Regência e Composição na Escola Superior de Música de Heidelberg/Mannheim, por nove anos (1970-1978). Quando as sombras da ditadura começam a se dissipar, Santoro retorna para sua antiga Casa, a convite do reitor José Carlos de Azevedo. E, na UnB, ele fica até a sua morte. Além de Professor, ele passa a ser o regente titular da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, orquestra que ele próprio criou. Hoje, o teatro tem o nome do compositor. Santoro possuía um largo e franco sorriso que, no final de sua vida, escondia as amarguras, pela pressão de alguns burocratas da Fundação Cultural

de Brasília daquela época. Seu coração não suportou. Mas as atitudes vãs são passageiras e as grandes obras são eternas. Em sua imortalidade, Santoro ainda preserva o seu sorriso generoso que continua nos olhos e na memória daqueles que o conheceram pessoalmente.

O segundo significado do dia de hoje está nas reflexões que somos estimulados a fazer sobre a natureza da obra de arte e sua relação com a vida de Santoro. O ofício de criador implica em dois pré-requisitos: a convivência com a diversidade e o exercício da liberdade. A verdadeira obra de arte é sempre única; não admite a produção em série. Vivemos uma época em que se confunde, ingênua ou intencionalmente, arte com indústria cultural: uma é a peça única, a outra está inserida numa linha de montagem. Santoro procurou realizar a obra diferente, única, com personalidade individual. Por isso, sua produção artística é tão múltipla em propostas, embora seja sempre consistente em qualidade. Sua orientação estética era a da experiência contínua. Ele explorou todos os caminhos e procurou tirar de cada um deles o melhor que sua rica criatividade fornecia. Atonalismo, aleatoriedade, nacionalismo, neoclassicismo, eletrônica, neotonalismo, experimentalismo iconoclasta, todos estes caminhos eram trilhados pelo mestre com a maior desenvoltura. Em 1983, Santoro regeu sua 10ª. Sinfonia, intitulada "Amazonas", na 5ª. Bienal da Música Brasileira Contemporânea, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Era a primeira audição mundial da obra e, por causa disso, criava uma grande expectativa no público. Na época, o que se esperava de Santoro era mais uma de suas radicais experiências de vanguarda. Entretanto, a obra reassumia valores e técnicas da tradição, transfigurados e associadas à sintaxe da vanguarda, sempre dentro do espírito irrequieto do artista. Surpreendidos por aquela reviravolta estética (entre outras por que ele já havia passado), perguntamos ao maestro o que significava aquele novo comportamento musical. Santoro nos respondeu que, depois de experimentar todos os caminhos da música contemporânea, ele alcançara uma maturidade plácida, com liberdade de seguir seu caminho musical, passando por cima de qualquer radicalismo estético ou

qualquer polarização maniqueísta e simplificadora da arte. Continuando, Santoro afirmou: “não tenho orientação estética, sou um artista sem compromisso.” Santoro talvez não tivesse a consciência que, com aquela frase, ele estava inaugurando a pós-modernidade na música brasileira de concerto.

Portanto, a dimensão diversidade, que é própria da obra de arte, foi também uma característica da vida e da obra de Santoro. Vale dizer que esta diversidade, cultivada durante toda a sua vida, é, também, a essência da própria Universidade. A Universidade é o local da pluralidade. Quando não há espaço para a diversidade ou pluralidade, o artista e o pensador não sobrevivem.

O terceiro significado da reunião de hoje é o impulso para a reflexão sobre a liberdade como condição indispensável para a criação, a pesquisa e a auto-realização do homem. Dois anos depois da estréia da 10ª. Sinfonia, presenciamos uma outra estréia de Cláudio Santoro, no mesmo Theatro Municipal, com a apresentação do oratório *Os Estatutos do Homem*, para solistas, coro e orquestra. A letra é do poeta Thiago de Mello, conterrâneo do compositor e que deu ao poema o sugestivo subtítulo de Ato Institucional Permanente. O poema é sobre a liberdade, esta dimensão humana sem a qual não existe cultura, não existe arte e não existe dignidade. Mas o poeta, no Artigo Final de seus *Estatutos* afirma: Fica proibido o uso da palavra liberdade/ a qual será suprimida dos dicionários/ e do pântano enganoso das bocas./ A partir deste instante/ a liberdade será algo vivo e transparente/ como um fogo ou um rio,/ e a sua morada será sempre/ o coração do homem.

Ao final do concerto a platéia do Theatro Municipal explodiu numa delirante ovação aos dois duendes, músico e poeta, que vieram da floresta amazônica, com sua pregação libertária como um rio-mar.

Hoje, a Universidade de Brasília é um espaço de liberdade porque sem ela não há produção de conhecimento, não há geração de cultura, não há preservação da memória nacional e da humanidade e, conse-

quentemente, não há desenvolvimento espiritual. Cláudio Santoro foi um defensor da liberdade e dela se abasteceu para a criação de uma obra que não tinha limites.

Por fim, nesta imensa rede de conexões entre o artista, a obra de arte e a universidade, perpassa a questão da perspectiva histórica. São muitos os critérios de valor da obra de arte mas a sua capacidade de permanência através do tempo é a mais insofismável. O filtro do tempo só pode ser avaliado depois de uma perspectiva histórica. E a cada ano que passa, a obra de Santoro se afirma como um valor crescente, na história da música brasileira. É essa perspectiva histórica que autoriza a Universidade de Brasília a conceder, ao compositor, o título de *Doutor Honoris Causa in Memoriam*. Com o passar do tempo, a verdadeira obra de arte permanece e o artista continua vivo, enquanto que as injustiças da época e seus agentes vão sendo esquecidos. Cabe à Universidade o papel hermenêutico de resgatar os grandes nomes de nosso passado, para reforçar a nacionalidade e servir de exemplo e estímulo para as novas gerações. Por todas essas razões, mais que o próprio maestro Cláudio Santoro, a Universidade de Brasília e a música brasileira estão de parabéns.